

Cadernos Espinosanos



ESPECIAL MARILENA CHAUI

ESTUDOS SOBRE O SÉCULO XVII

n. 36 jan-jun 2017 ISSN 1413-6651

IMAGEM foto dos livros de Marilena Chaui por Henrique Piccinato Xavier

AS NOVAS AVENTURAS DA FILOSOFIA -
MARILENA CHAUI LENDO MERLEAU-PONTY¹

José Marcelo Siviero

Doutorando em Filosofia, USP, São Paulo, Brasil

sivierojm@gmail.com

RESUMO: Trata-se duma leitura do ensaio *Experiência do Pensamento*, em que Marilena Chaui analisa a maneira como Merleau-Ponty lê e se posiciona a respeito da tradição filosófica em que desenvolve o seu próprio pensamento. Unindo dois termos polarizados pela tradição como dois opostos irreconciliáveis (experiência e pensamento), Chaui mostra como os dois termos se articulam no interior da reflexão de Merleau-Ponty. Nosso objetivo aqui é investigar como um pensamento filosófico se constitui enquanto diálogo, interrogação e combate entre sistemas e correntes de pensamento, confrontando a ideia de que as grandes filosofias se comportariam como sistemas e correntes isolados.

PALAVRAS-CHAVE: Marilena Chaui, Merleau-Ponty, experiência do pensamento, história da filosofia, tradição filosófica.

¹ Texto originalmente apresentado como comunicação oral na Jornada de Estudos em homenagem a Marilena Chaui, no dia 28 de setembro de 2016. Optou-se por preservar a oralidade original do texto.

Nossa intenção com este texto é destacar o que a leitura de Marilena Chaui traz da obra merleau-pontyana no que diz respeito à maneira como o filósofo francês lê e entende a tradição filosófica que lhe foi legada e em como ele desenvolve uma nova maneira de filosofar, em que análise, leitura e reflexão mostram-se imbricadas num único bloco. A rigor, a leitura de Marilena Chaui destaca a maneira muito particular com que a obra de Merleau-Ponty vai se fazendo ao conceber o ofício do filósofo não como o mero vislumbre do conjunto dos sistemas de pensamento ou como visão panorâmica dos marcos da tradição, mas como uma obra que vai se fazendo enquanto debate (e consequentemente *combate*) através do qual os filósofos se posicionam e retomam toda a filosofia no momento em que começam a escritura de sua filosofia particular.

Começemos pelo título de um de seus ensaios mais consagrados sobre a filosofia de Merleau-Ponty, que carrega o complexo e fascinante título de *Experiência do Pensamento*. Já somos apresentados de antemão a um problema filosófico por excelência: como unir dois elementos que sempre foram apresentados a partir duma perspectiva antagônica, como experiência e pensamento? Entenda-se a experiência como a exterioridade total do indivíduo e dos fenômenos que lhe aparecem (evocando o sentido mais lato de *empíria*) e o pensamento como sua máxima interioridade, relacionado à consciência e às suas representações intelectuais.

Desde o início, o par de termos se põe como inconciliável: antagônicos, primeiramente somos obrigados a colocá-los numa alternativa radical entre experiência *ou* pensamento, como se fosse tão fácil cindi-los ou como se toda a história da filosofia se resumisse à escolha entre os dois polos e sua posterior defesa em detrimento do outro.

Podemos pensar algo além da alternativa: ainda mantendo-os como opostos inconciliáveis, poderíamos recolhê-los sob a rubrica de experiência e pensamento, mantendo a polarização mas estabelecendo uma relação harmônica e respeitosa entre os dois termos. Não se trata mais de escolher entre um *ou* outro, mas de colocá-los em paralelo: experiência e pensamento caminham lado a lado, trilham o mesmo caminho, mas nunca se misturam e nem compartilham pontos em comum.

Ora, o título do ensaio da Marilena quebra essa polarização: ao propor uma experiência *do* pensamento, ela os coloca como verso e reverso da mesma moeda, duas faces dum mesmo movimento, que se auto implicam desde o princípio.

Mas o que significa dizer que a obra a obra de Merleau-Ponty testemunha uma *experiência do pensamento*, ou que se trata duma filosofia que se coloca desde o início como relato dum pensamento que é ao mesmo tempo experiência? A ideia de experiência traz à tona o contato com o outro, isto é, um enfrentamento da filosofia com a não-filosofia, com o discurso das artes e ciências e com o irrefletido. A experiência de pensamento é marcada de ponta a ponta pelo signo da alteridade. Poderíamos dizer que, através da experiência, o pensamento filosófico se embrenha numa série de “aventuras”, qual seja, de incursões em terrenos que não lhe são familiares, para neles crescer e amadurecer as suas próprias reflexões. Desde o princípio, a leitura da Marilena trataria de investigar essa natureza aventureira que se entrevê na trajetória filosófica de Merleau-Ponty.

Ora, quais seriam as questões e intenções principais que conduzem Merleau-Ponty à experiência do pensamento? Marilena identifica a filosofia de Merleau-Ponty como “um pensamento que pusera em

questão o estatuto do sujeito e do objeto, da consciência e da representação, do fato e do conceito; que modificara a maneira tradicional de acercar-se da linguagem e da arte; desvendara a dimensão ontológica do sensível e criticara o humanismo” (CHAUI, 2002, p.4). Um pensamento que de antemão não pensa em se contrapor, refutar ou endossar a tradição, mas interrogá-la, investigar seus pressupostos e conclusões, refazer suas perguntas fundamentais e palmilhar o caminho aberto por suas ideias.

Por isso Merleau-Ponty se preocupará com a metafísica, ou, melhor dizendo, com o terreno de não-metafísica onde esta deita suas raízes; tal será a tônica adotada em obras como *O Visível e o Invisível*. Nelas, como mostra Marilena, “tanto no início como no fim, buscava o que seu pensamento e o dos outros deviam à filosofia, não para pagar um preço pelo resgate, mas para avaliar o que o pensamento roubara de si mesmo ao pagar tributo à soberania da consciência e das representações” (CHAUI, 2002, p. 6). Porém, não se deve tomá-lo como um defensor do irracionalismo ou como um colecionador de excentricidades, pois “Merleau-Ponty não buscava refúgio no irracional, mas lutava por uma racionalidade alargada que pudesse ‘compreender’ aquilo que em nós e nos outros precede e a excede a razão” (CHAUI, 2002, p. 7).

Investiguemos este interesse de Merleau-Ponty pela metafísica. Desde o início, ele recusava a imagem do *kosmotheoros*, isto é, do Observador Absoluto que, postado a uma distância segura do mundo, das coisas e dos outros sujeitos, podia facilmente julgá-los e a partir deles forjar representações. Este Observador Absoluto praticava a tão conhecida “visão de sobrevoo”, que é tradução imediata desse distanciamento do mundo. Deste modo, a metafísica se reduzia fatalmente à investigação das condições de possibilidade da experiência e do pensamento, a dialé-

tica degradava numa espécie de doutrina de pensamento, a consciência se tornava plena posse de si e a linguagem se rebaixava a mero instrumento da consciência. O Observador Absoluto tomava como primeira providência a purificação da filosofia, livrando-se de tudo o que nela havia de não-filosofia.

Ora, o grande esforço de Merleau-Ponty é justamente superar as limitações da visão de sobrevoo e trazer novamente a filosofia para o âmbito do mundo. Trata-se dum resgate da filosofia enquanto interrogação e “prosa do mundo”, evocando-se o título de uma de suas obras tardias. Por isso Marilena dirá que Merleau-Ponty se interessará pelas aventuras da filosofia, isto é, pela narrativa de seus erros, hesitações, impasses e contradições. Opondo-se às certezas das grandes filosofias convertidas em sistemas, Merleau-Ponty “interessava-se em interrogar a origem dos impulsos que confeririam à consciência a plena posse de si, apresentariam o mundo numa límpida transparência e transformariam a linguagem numa expressão completa. [...] Voltava-se para as tentativas da metafísica, da filosofia transcendental, da dialética e das ciências para saber de onde vinham e a que se destinavam” (CHAUI, 2002, p. 9).

Podemos dizer que, ao invés de colocar o sujeito numa posição elevada, a filosofia de Merleau-Ponty o traz de volta para o tecido do mundo, mas sem tomá-lo como princípio, tampouco como fim. Em prol duma racionalidade alargada, é preciso notar que “o homem não pode ser ponto de partida nem de chegada não porque não possa ser princípio de coisa alguma, o mundo sendo mais velho do que ele e o tempo das coisas diferente do seu, como lembra Foucault, mas porque a própria ideia de *principium* precisa ser questionada” (CHAUI, 2002, p. 10). Nenhuma aventura é completamente inédita; ela sempre começa num ponto de partida e num contexto que é anterior e mais velho do que

ela, retomando elementos que já lhe pertenciam anteriormente, seja por sua vontade e escolha, seja por se encontrar já imersa numa tradição e numa situação com a qual deve contar.

Falávamos anteriormente da não-filosofia. A despeito de ser um solo originário, há nela um sério perigo: “o ‘estado de não-filosofia’ é o apego cego à tradição, reduzindo as ideias a máscaras e álibis de nossas nostalgias, rancores e fobias. Figuras do ressentimento a prenunciar a outra face da não-filosofia: a fúria iconoclasta que destrói sem ultrapassar” (CHAUI, 2002, p. 10). É preciso, pois, partir deste estado, mas não permanecer nele. Assim, destaca Marilena que “aprendemos com Merleau-Ponty que as questões são interiores à nossa vida e à nossa história onde nascem, morrem ou se transformam se conseguimos respondê-las” (CHAUI, 2002, p. 11). É preciso então resgatar essa inquietação, para dela extrair as ideias que se encontram imersas no estado de não-filosofia. Afinal, como diz Marilena, os filósofos não redigiram grandes sistemas e doutrinas – só aparecem desta maneira quando sobrevoamos à distância o seu pensamento. E é essa distância que a filosofia de Merleau-Ponty quer superar.

Há então todo um movimento dentro do pensamento dos grandes filósofos que contraria a imobilidade dos grandes sistemas e a perenidade das doutrinas instituídas. Escreve Marilena que a filosofia não se ocupa de formular questões e respostas, mas sim de interrogar o mundo e a si mesma, debruçando-se sobre as tensões estabelecidas entre termos antes tão antagônicos como o individual e o coletivo e o sensível e inteligível. Será Merleau-Ponty quem particularmente exercerá essa tarefa interrogativa da filosofia, descentrando-a dos eixos nos quais se fixara quando convertida em sistema de respostas e teses consolidadas. Nesta trilha, “a filosofia de Merleau-Ponty interroga a experiência da própria

filosofia e a cegueira da consciência porque se volta para o mistério que faz o silêncio sustentar a palavra, o invisível sustentar a visão e o excesso das significações sustentar o conceito” (CHAUI, 2002, p. 12).

Mas trilhar o caminho da interrogação não é tarefa das mais fáceis. A experiência do pensamento, enquanto experiência, é também aventura e trabalho, o que significa dizer que é empresa sempre inconclusa e sempre pronta a se desfazer e a recomençar. Marilena traz a lume uma dificuldade enorme que é típica dos leitores e comentadores não só de Merleau-Ponty, mas de toda a história da filosofia: como escrever sobre uma filosofia interrogativa sem transformá-la em tese?

Escreve Marilena que “a filosofia posta em livros deixou de interpelar os homens e, de modo insólito e quase insuportável, escondeu-se na vida decente dos grandes sistemas” (CHAUI, 2002, p. 12). Ora, quando se acomoda nessa “vida decente”, quando se constitui como um “grande sistema”, a filosofia abre mão de suas inquietações e se adéqua ao mundo da não-filosofia. Evocando as palavras do *Éloge de la philosophie*, subitamente as relações do filósofo com a Cidade (isto é, com outrem e o mundo) deixam de ser problemáticas. A filosofia se torna então absoluta e se coloca fora ou acima das lutas e questões do mundo.

Ocorre que “a academia e a vida decente dos sistemas só afetam a filosofia quando ela própria acredita que, graças a eles, está protegida da difícil relação com a Cidade, e que, neles, o absoluto filosófico encontrou uma sede propícia porque, nesses asilos, filosofar não irrita a certeza moral do filisteu” (CHAUI, 2002, p.14). Mas uma filosofia que se queira colocar como interrogação- e que seja efetivamente uma experiência de pensamento- deve recuperar a situação problemática do filósofo em conflito com a Cidade e nela se instalar. O filósofo é aquele que

repentinamente desperta e começa a falar. É quem arranca seus interlocutores de suas tão arraigadas certezas e que abala seus preconceitos e valores estabelecidos. É quem não dá assentimento à não-filosofia e não lhe entrega o que quer. É quem, num hábil jogo retórico, transforma a humildade do “sei que nada sei” em pretexto para toda interrogação: indagando-se sobre “que sei eu?”, o filósofo descobre o que significa esse “quê”. O que há, portanto, para saber desse “quê”? “Assim, a questão filosófica se altera profundamente, pois não indaga “que posso saber?”, mas interroga: que há para saber? Esse *há*, geração inesgotável de seres, ideias, acontecimentos e situações, se abre para a experiência não como objeto de pensamento, mas como experiência de pensar” (CHAUI, 2002, p. 16).

Sendo o filósofo aquele que fala e interroga, a linguagem será então o tema principal da filosofia. Sendo interrogação perpétua, o ato de se escrever uma filosofia nada mais é do que narrar seu começo; a cristalização duma filosofia viva na vida decente dos grandes sistemas é justamente a perda da fecundidade de sua linguagem, a perda da fala originária que a guia desde dentro. Assim sendo,

a linguagem ensina à filosofia que a verdade não é coincidência de uma consciência consigo mesma, nem adequação do intelecto às coisas, mas centro virtual a que se dirigem as palavras e as ideias, sem jamais possuí-lo porque, não sendo representação, não se presta à posse intelectual. A filosofia é interrogação porque é linguagem e a linguagem é seu tema privilegiado de interrogação (CHAUI, 2002, p. 18).

Entretanto, a linguagem não é apenas um poder de expressão ou uma maneira de veicular os pensamentos externamente. Merleau-Ponty, através dos conceitos de fala falante e fala falada, mostra que a fala

trabalha através da retomada dos sedimentos duma linguagem já instituída, que, graças a uma torção efetuada pelo filósofo, escritor, pintor ou cientista, adquire sentidos novos. E essa torção também se faz através do leitor, que retoma essas significações a partir do momento em que toma contato com a fala do outro. Ora, afirma Marilena que Merleau-Ponty será não somente autor, mas também um grande leitor de filosofia. Mas como é feita essa leitura? Primeiramente, Merleau-Ponty não se ocupará tão profundamente dos aspectos sistemáticos das obras, embora leve em conta sua lógica interna. Sua leitura antes de tudo se debruçará sobre o movimento dos pensamentos de seus interlocutores, sobre a maneira como cada um deles interrogou o discutiu as questões de seu tempo, sobre o estado nascente de seus pensamentos: aqui, “seu interesse maior parece estar voltado para os impasses, os paradoxos, as súbitas guinadas do pensamento que, no entanto, estavam preparadas pelo caminho percorrido” (CHAUI, 2002, p. 21). Interessa aqui entender porque tais questões foram suscitadas, como são formuladas e quais direções o pensamento tomou. O que está em jogo é o motivo ou motivação central duma filosofia, o que, segundo Marilena, é o principal na interrogação.

Como numa tapeçaria, numa renda, num quadro ou numa fuga, nos quais o motivo puxa, separa, une, enlaça e cruza fios, traços ou sons, configura um desenho ou tema a cuja volta se distribuem os outros fios, traços ou sons, e orienta o trabalho do artesão e do artista, assim também o motivo central de uma filosofia é constelação de palavras e de ideias numa configuração de sentido. O motivo é o que vai surgir e, ao mesmo tempo, o que guia esse surgimento. Donde seu segundo sentido: o motivo como origem. Não como uma “causa” passada, mas como inquietação que motiva a obra, sustentando seu fazer-se no presente. (CHAUI, 2002, p. 22).

É nesta disposição que Merleau-Ponty lerá Einstein, Montaigne, Husserl, Bergson, Maquiavel, dentre outros pensadores. O fenomenólogo não os lerá à cata de suas conclusões, mas a partir do movimento de seu pensar, que não é um puro desenvolvimento e concatenamento de conceitos: “pensar, diz Merleau-Ponty, não é possuir uma ideia, mas circunscrever um campo de pensamento” (CHAUI, 2002, p. 23).

Marilena nos alerta para o risco de posse intelectual de um texto ou autor. Essa ideia de posse é o que nos leva a perder os movimentos do pensamento e a dimensão aberta e investigada por cada filósofo. Ela dispõe dos pensamentos como dum conjunto de instrumentos conceituais orientados para um determinado fim ou tarefa, classificando seus autores segundo um rótulo que exprimiria a competência ou o suposto campo de eficácia de sua filosofia. Certos rótulos são muito conhecidos em nosso meio acadêmico, eternizados segundo o jargão dos manuais de estudo: Bergson seria um intuicionista, Montaigne um cético, Husserl um idealista transcendental, Maquiavel um cínico, Einstein um relativista. Termos exatos, objetivos e aparentemente claros, mas que perdem o campo e o trabalho da reflexão de cada um dos autores.

Evidentemente, não será dessa maneira que Merleau-Ponty se aproximará desses autores. Não procura investigar o significado dos rótulos ou a filiação de cada autor a uma corrente determinada, mas antes “interroga o sentido desses termos quando retomados por aqueles pensadores como motivo central de seu pensamento. Indaga a que vieram, por onde passaram e aonde podiam chegar” (CHAUI, 2002, p. 24). Em sua leitura, Merleau-Ponty não interroga o texto letra a letra, mas busca recuperar a experiência que se oculta por trás de sua escritura, escavando o campo por ele aberto. Aprendendo com o filósofo, Marilena lançará mão desde método para ler o próprio Merleau-Ponty. Estamos como

que diante de um uróboro filosófico: Merleau-Ponty lido segundo sua maneira de ler os filósofos.

Investiguemos mais de perto essa curiosa imagem. Marilena coloca Merleau-Ponty como um grande leitor dos filósofos, posto que não há distinção alguma entre leitura, escrita, reflexão e argumentação. Lendo as obras de seus interlocutores, ele “busca o duplo movimento no qual um pensamento abre caminho no contato com uma experiência a ser decifrada, e se degrada num conjunto de opiniões, num sistema decente ou numa superstição” (CHAUI, 2002, p. 29). Podemos, nessa altura do texto, já delinear a ideia duma experiência do pensamento que se produz no interior de toda filosofia. Falar duma experiência operante no interior da obra é situar a filosofia num combate com o mundo e com discursos antagônicos, num movimento em que o próprio pensar abre seu campo, cultiva suas perguntas e colhe suas conclusões. É o contrário das imagens que se agrupam em museus ou bibliotecas, verdadeiras “necrópoles”, nas palavras de Marilena. Nelas, perde-se a experiência do pensamento e “essa neutralização da filosofia, seu aspecto embalsamado, fortifica o estado de não-filosofia e a radicalidade da crise presente, porque as obras, convertidas em representações, nos poupam da exigência de que a filosofia se interrogue a si mesma nos trabalhos dos outros e nos nossos” (CHAUI, 2002, p. 30). O que se perde mais exatamente é a capacidade da filosofia de tudo interrogar, inclusive a si mesma. Uma filosofia que tenha ocultado ou se desprendido da experiência que a anima se transforma em sistema de teses objetivadas, que se esquecem de que “uma filosofia, como toda experiência de pensamento, nasce no fluxo e refluxo da história pessoal e social, na tentativa de alcançar a inteligibilidade dessas experiências e, portanto, não é um resultado, uma coisa ou fato, mas começo e recomeço, um instrumento de trabalho”

(CHAUI, 2002, p. 31). O próprio ato de ler uma obra já é um esforço para fazer essa experiência falar.

A leitura será um dos pontos-chave deste ensaio que analisamos. Longe de fornecer uma visão de sobrevoos ou uma elucidação completa de um texto, a leitura o abre para que venham a lume as preocupações, as tentativas, as hesitações e os esforços de seu autor para interrogar uma determinada experiência. A objetivação e a atitude representacional surgem quando a leitura se degrada em discurso vazio, silenciando a experiência e anulando as “aventuras” que se desenvolveram durante a sua gestação.

Do lado do escritor, o desejo da síntese completa, de onde nasce a obra, é o esforço do pensamento para conjurar a indeterminação da experiência, “suas ambiguidades” e a “anarquia discursiva” dela resultante. Do lado do leitor, manifesta-se tanto no desejo de coincidir “por dentro” com a obra lida, quanto na tentativa de dominá-la “de fora” – no primeiro caso, o leitor perde a diferença temporal e a assimetria constitutiva de escrever e ler; no segundo, toma o que era trabalho como uma positividade observável. (CHAUI, 2002, p. 32-33)

Por isso será impossível reduzir a obra filosófica a coisa ou ideia, ou ainda a fato e representação. Uma obra jamais pode ser encarada como algo já acabado; do contrário, eliminaríamos toda a fecundidade duma experiência que se comunica e se dá a pensar a partir de si mesma, do que sua peculiar linguagem é capaz de relatar. Ela é então “‘uma maneira ativa de ser’, que a faz criar, de dentro de si mesma, a posteridade vindoura de seus leitores intérpretes” (CHAUI, 2002, p. 34). Há na obra portanto uma camada de significações que não é imediatamente manifesta, cujo sentido não está dado tal como num fato ou numa representação pura, mas que permanece implícito, oferecendo-se a novas

leituras e dando a pensar. Poderíamos afirmar que toda obra é permeada por um impensado, espécie de nervura que, estrutura invisível, sustenta e anima o pensamento por dentro.

Ora, o que torna possível a presença desse impensado, desse horizonte de virtualidades numa obra que antes era um bloco tão compacto e acabado? Marilena identifica a influência de Husserl no pensamento merleau-pontyano na ideia de sedimentação, isto é, na acumulação de significados operada pelas obras e discursos. Em toda fala há um momento em que seus elementos se consolidam e se tornam culturalmente disponíveis, fornecendo aos seus autores uma coleção de significações instituídas, com as quais contarão para elaborar uma nova fala e novas formas de expressão. Ocorre algo muito parecido com a arte do escritor: contando com a linguagem convencional e rotineira, ele parte dela para construir sua linguagem própria.

Esse é um dos exemplos da chamada “geologia transcendental”, que nada mais é que a escavação desse sedimento e a reativação das camadas de sentido, que traz à tona, na atualidade do gesto do pensador que cava, o espaço histórico e o tempo geográfico das ideias nascentes, nas palavras de Marilena.

Por isso Merleau-Ponty se debruçará sobre outras falas diferentes da filosofia: “o interesse de Merleau-Ponty pela pintura, pela literatura, pela política e pelas ciências humanas não nasce do propósito de explicá-las, mas de aprender com elas” (CHAUI, 2002, p. 37). O escritor, o político, o artista e o cientista estão constantemente escavando os sedimentos da cultura, explorando o impensado e instituindo sentido. Há, portanto, uma experiência de pensamento por trás da obra de cada um deles, experiência essa que é análoga ao filosofar.

A experiência do pensamento é marcada pelo trabalho e pela elaboração deste impensado que, invisível, é potência latente e iminente do visível. Não se deve caracterizar o impensado a partir duma concepção negativa, como algo que seria impossível de se dizer ou como uma dimensão oculta e inefável. Muito pelo contrário; é através do impensado que as novas significações vêm a lume.

O impensado não é o que estaria ausente como privação, mas aquilo cuja ausência é promessa e antecipação. Como todo invisível, o impensado é uma ausência que conta no mundo porque não é um vazio, mas ponto de passagem. Não é buraco. É poro. Não é lacuna que preenchemos, mas trilha que seguimos. [...] Pensar é uma experiência que nos inicia às significações iniciando-se no campo criado pelo pensamento de outrem. (CHAUI, 2002, p. 40).

É o impensado, portanto, o que torna possível uma genuína “experiência do pensamento”. As filosofias que buscavam separar experiência e pensamento queriam neutralizar esse impensado, purificando seus discursos de todo e qualquer excesso que levasse a pensar, interpondo uma distância entre o pensamento e sua experiência. Proclamavam uma filosofia fechada em si mesma, em suas respostas e teses. Já a experiência abre as significações duma filosofia com outras facetas da linguagem e dos atos humanos, e assim “a experiência, portanto, longe de ser imediateza e exterioridade, possui interior. [...] A experiência é o que nos inicia ao que não somos e, assim, é o que se abre também para a essência” (CHAUI, 2002, p. 41).

Marilena lê toda a filosofia de Merleau-Ponty a partir do impensado, isto é, do que sua filosofia nos dá e nos leva a pensar. A rigor, trata-se de enxergar efetivamente que Merleau-Ponty, tal como todos os

seus mestres na tradição filosófica e os discípulos que forma entre seus leitores, faz o mesmo que todos os filósofos: lê, interroga, cava e cria novas significações ao mobilizar seus conceitos e elaborar suas ideias. O que Marilena traz de novo em sua leitura é a esta vocação aventureira da filosofia, como uma obra sempre incompleta e sempre se fazendo, ao contrário da tradição, dedicada a imobilizar e embalsamar a interrogação filosófica em grandes sistemas. Toda filosofia traz impressa em si os cacoetes, as inquietações, as influências e os conflitos de seu autor e sua época. Toda filosofia é recomeço, pois nunca encontra seu fim. Todo texto filosófico é, então, relato duma experiência que se consuma na articulação das essências com mundo que a engendra e reclama.

THE NEW ADVENTURES OF THE PHILOSOPHY:
MARILENA CHAUI READING MERLEAU-PONTY

ABSTRACT: This paper consists in a reading of the essay *Experience of Thought*, in which Marilena Chaui analyzes the way in which Merleau-Ponty reads and positions himself towards the philosophical tradition in which he develops his own thinking. Uniting two terms polarized by the tradition as two irreconcilable opposites (experience and thought), Chaui shows how the two terms are articulated within Merleau-Ponty's reflection. Our goal here is to investigate how philosophical thought is constituted as dialogue, interrogation and combat between systems and lineages of thought, confronting the idea that great philosophies would behave as isolated systems and currents.

KEYWORDS: Marilena Chaui, Merleau-Ponty, experience of thought, history of philosophy, philosophical tradition.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHAUI, Marilena (2002). *Experiência do pensamento: ensaios sobre a obra de Merleau-Ponty*. São Paulo: Martins Fontes.